

Elisa Freitas

vasconcelos.elisa@gmail.com

Sobre a musealização e exposição do design: percursos de investigação e algumas considerações sobre o tema

O presente artigo baseia-se na Dissertação intitulada "Musealização do Design. A Escolha de um Discurso Expositivo no Contexto da Museologia Contemporânea", desenvolvida no âmbito do Mestrado em Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, segundo a orientação da Professora Doutora Alice Semedo e coorientação da Professora Doutora Elisa Noronha.

This article is based on the Dissertation entitled "Musealização do Design. A Escolha de um Discurso Expositivo no Contexto da Museologia Contemporânea", developed in the context of the Museology Masters, at Faculty of Arts and Humanities, University of Porto, under the supervision of Professor Alice Semedo and Professor Elisa Noronha.

<http://hdl.handle.net/10216/77897>

Resumo

Desenvolvendo-se em torno do tema da musealização e exposição de objetos de design, neste artigo, procura-se sintetizar e expor conteúdos, estratégias e percursos de investigação.

Pela sua complexidade, o design admite, nos seus processos de musealização e exposição, uma multiplicidade de perspetivas e abordagens, enfrentando um conjunto de problemáticas decorrentes da sua especificidade. Entre poéticas e políticas expositivas é justamente este complexo conjunto de questões que são considerados no desenvolvimento deste artigo.

Pelo que é exposto, reconhece-se a preponderância dos museus de design na consolidação e desenvolvimento da disciplina do design – ontem e hoje – e formulam-se algumas conclusões sobre a diversidade de discursos expositivos construídos nos museus de design e sobre as políticas e poéticas expositivas que os moldam e encaminham.

Palavras-chave

Musealização do Design; Museus de Design; Representação do Design; Exposições de Design.

Nota biográfica

Elisa M^a Vasconcelos de Freitas é licenciada em Ciências da Cultura pela Universidade da Madeira (2008) e mestre em Museologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2014). As problemáticas e questões de representação afetas à musealização do design estiveram na génese da investigação desenvolvida no âmbito da dissertação de mestrado, em colaboração com o Centro de Interpretação do Design Português (CIDES.PT). Tem cooperado pontualmente em alguns projetos museológicos, nomeadamente, no Projeto de Reabilitação da Igreja Matriz da Camacha. Atualmente, interessa-se pelo tema das representações da migração em museus e museus da migração.

Abstract

Developed around the theme of musealization and exhibition of design objects, this article seeks to synthesize and expose contents, strategies and research paths.

While a complex field, design admits, in its processes of musealization and exhibition, a multiplicity of perspectives and approaches that take into account the problematics associated with its specificity. Between poetics and politics of exhibition, it is precisely this complex set of issues that are put into consideration in this article.

According to what is exposed, the preponderance of design museums in the consolidation and development of the design discipline is acknowledged – yesterday and today – on this, different conclusions about the diversity of discourses built in design museums and about the politics and poetics shaping and promoting them are presented.

Key words

Design Musealization; Design Museums; Design Representation; Design Exhibitions

Biographical note

Elisa M^a Vasconcelos de Freitas graduated in Cultural Sciences from the Universidade da Madeira (2008) and has a master in Museology from Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2014). Problematics and questions of design representation in museums are the focus of the research conducted on hers master dissertation in collaboration with the Interpretation Center for Portuguese Design (CIDES.PT). She has collaborated occasionally with some museological projects, namely, the Rehabilitation Project of Igreja Matriz da Camacha. Presently, she is interested in the topic of migration representations in museums and migration museums.

Introdução

Depois de um percurso de investigação sobre o tema da musealização do design, a propósito da dissertação de mestrado intitulada "Musealização do Design: A Escolha de um discurso Expositivo no Contexto da Museologia Contemporânea", este artigo enceta realizando uma síntese dos aspetos analisados na referida dissertação, elencando-os com a exposição dos próprios percursos e estratégias adotados durante a investigação. Posteriormente, centra-se atenção nas elações resultantes.

Que motivações orientam as instituições museológicas dedicadas ao design? E a partir de que contextos surgem? Que problemáticas decorrem dos processos de musealização e exposição do design? Que discursos se constroem nas exposições de design? O conjunto de questões trazidas a análise coloca enfoque concreto na consideração da especificidade do objeto de design enquanto objeto museológico e na diversidade de discursos que o têm enredado nos contextos expositivos dos museus. O objetivo é o de reconhecer práticas museológicas contemporâneas reproduzidas na exposição de objetos de design. Para a reflexão sobre estas questões começou-se por fazer convergir os enquadramentos da museologia contemporânea e dos seus sistemas de representação com algumas noções e reflexões sobre o design. Desta convergência construiu-

se uma base contextual para o desenvolvimento dos assuntos focais da investigação.

A museologia e as exposições

O percurso principia colocando à reflexão os aspetos mais estruturais da museologia e das exposições museológicas, analisando preocupações, princípios e fundamentos teóricos que as orientam, tendo presente a complexidade da realidade museológica e, particularmente, das exposições enquanto espaços dinâmicos para onde convergem as múltiplas dimensões da ação museológica e onde se implica a ação dos públicos. Os processos de musealização e de *construção expositiva* – lidos sob diversas perspetivas teóricas: como sistema de representação (Karp & Lavine, 1991; Lidchi, 1997; Macdonald, 1998); a partir de (Foucault, 1975; S. Hall, 1997), como sistema de comunicação (Baxandall, 1991; Hooper-Greenhill, 1991, 1996, 2001; MacManus, 1991); ou como narrativa (Austin, 2012; Hanks, Hale, & MacLeod, 2012) impõe, em todo o caso, a consideração das várias dimensões da dinâmica museológica e da forma como estas dimensões se articulam entre si e da relação que constroem com os públicos. Importa, portanto, à análise das exposições e à compreensão da multiplicidade de significações que permitem a leitura do que se designa por *poéticas* expositivas, ou seja, a diversidade de soluções técnicas que se

realizam no planeamento e consecução de uma exposição: entre a disposição e articulação dos elementos que a compõem (*layout*); percursos e modos de interação que propõem; suportes expositivos, materiais, cores e iluminação que utilizam, e formas de mediação – entre textos expositivos, imagens, gráficos, etc. A par das leituras sobre as poéticas expositivas, deverá ser adida a consideração das *políticas expositivas*, i.e., das motivações, objetivos, orientações e posicionamentos institucionais que conduzem ao conjunto de opções expositivas concretas – entre inclusões e exclusões – considerando e colocando todo este conjunto de elementos em relação com os contextos socioculturais em que se inserem (Lidchi, 1997; Mason, 2011).

Acerca dos Museus e exposições de Design: Cinco momentos de análise

A recolha e análise de conteúdos para a exploração das questões de investigação supracitadas estruturou-se em cinco momentos focais. A começar, a compreensão das motivações, contextos e objetivos que orientam os museus do design, recorrendo a bibliografia específica sobre o tema. Além deste recurso, apoiou esta tarefa a recolha e análise do corpus terminológico usado nas missões proclamadas por cerca de quatro dezenas de museus de

design, examinando e reunindo termos-chave e respetivas reincidências.

Num segundo momento, com recurso a bibliografia, reconhecem-se acontecimentos e instituições que marcam a introdução dos objetos de design nos museus, evidenciando os principais contextos a partir dos quais ocorre esta introdução. Na soma e cruzamento destes conteúdos, e, em confronto com produção e reflexão teórica sobre a museologia focada nas questões da musealização do design, delineou-se um conjunto de problemáticas de representação que se evidenciaram tipicamente decorrentes das especificidades do design. Este delinear de problemáticas constituiu o terceiro momento de análise.

Num quarto momento, optou-se pelo contacto concreto com alguns museus de design por forma a poder compreender, por um lado, os conteúdos de design que expunham e programação expositiva, e, por outro, as abordagens expositivas que realizavam entre configurações, temáticas exploradas, modos e dispositivos de mediação. Para a consideração de diferentes abordagens expositivas foram selecionados para estudo os casos de dois museus de design, cujo interesse e acesso a conteúdos se mostraram mais favoráveis. Procurou-se explorar os discursos e práticas expositivas utilizadas por estas instituições conjugando o contacto direto e o recurso a informação documental disponível sobre as mesmas. Acresceu-se ainda, ao conjunto

com outras tipologias de acervos existentes sob o mesmo teto institucional – artes decorativas, belas artes e arquitetura. Por aqui, encontraram-se algumas linhas que, de forma mais recorrente, motivam a ação deste tipo de museus e ilustram algumas das políticas orientadoras que assumem. Referem-se aqui algumas dessas práticas: dar a conhecer a evolução e história do design, educar, promover a investigação, sensibilizar, compreender e dar a conhecer a importância do design e o impacto que tem no quotidiano (ver Figura 1).

A passagem pela história e pelos primórdios das instituições museológicas relevantes nos percursos em torno da musealização do design contou-se a partir da Great Exhibition de Londres, no Reino Unido, em 1851, (Abt, 2011; Rydell, 2011; Bürdek, 2005; Bennett, 1995) e da consequente origem do Victoria & Albert Museum (V&A) na mesma cidade, em 1852 (Adams, 2007; Wolfenden, 1989), considerando ainda outros museus determinantes por introduzirem objetos de design industrial nas suas coleções. Por exemplo, o Museu Austríaco de Artes Aplicadas (MAK), em 1864 (Coutinho, 2009) e o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMA), nos EUA em 1929 (Staniszewski, 1998; Abrams, 1984; Wolfenden, 1989). Depois, os primeiros designados "Museus de Design" começando pelo Design Museum de Londres no Reino Unido (Figura 2) em 1989 (Design Museum, 2012; Usherwood, 1991) e pelo Vitra Design

Museum também em 1989 na cidade alemã de Weil am Rhein (Coutinho, 2009).



Figura 2 _ Exposição *Designs of the year* - Design Museum, Londres © Elisa Freitas 2014.



Figura 3 _ Exposição de *Design do séc. XX* com organização histórica/cronológica - V&A Museum © Elisa Freitas, 2014.

A atenção a estas instituições e aos seus percursos permitiu compreender que, entre os diferentes âmbitos a partir dos quais o objeto de design é incorporado em coleções museológicas, vão-se verificando distintos balizamentos conceptuais e temporais, linhas discursivas distintas e diferentes tipos de abordagens e narrativas expositivas. Na sequência destas constatações sobre os contextos a partir dos quais os museus de design surgem, Bassi (2007, p.2) define três principais âmbitos de emergência do design nos museus, cada um destes, com tendências discursivas específicas, influenciadas pelos seus enquadramentos e perspetivas sobre o design. Especificando: a partir dos *museus de artes decorativas*, em que o design se afigura, geralmente, como momento evolutivo em enquadramentos cronológicos; a partir dos *museus de arte* onde, por virtude do contexto, há uma maior tendência em focar atenção na componente estética do design; ou, a partir do novo – tábua rasa – contexto que, para o autor, oferece a oportunidade de construção de chaves de leitura que se adaptem à especificidade das coleções que apresentam.

De todo este conjunto de informação reunida, no percurso pelos exemplos de museus de design, atendendo aos objetivos e missões que os orientam e refletindo sobre a produção teórica em torno da mesma temática (ver por ex. Mura & Ballarin, 2012; Julià, 2011; Drenttel & Lasky, 2010; Lake-Hammond, 2010; P. Hall, 2010; Mura, 2009; Adams, 2007; Bassi, 2007;

Pavoni, 2007; Heller, 2002; Usherwood, 1991; Wolfenden, 1989), evidenciaram-se carizes condicionantes nos discursos expositivos do design. Entre estes, são contados aspetos como a *estética* – e nesta, as abordagens mais fetichistas ou o problema da autenticidade e da autoria; as imposições e *influências políticas dos aspetos económico ou comercial* quando sobrepostos aos propósitos orientadores das instituições museológicas; os novos campos do design e conceitos emergentes no contexto pós-industrial que o aproximam de um campo de ação conceptual *desmaterializado* e, por fim, – resultante dos atuais paradigmas da museologia e do design – o propósito reforçado de incutir nos espaços museológicos do design a intenção social e uma aproximação a estas questões pela relação com o design. Escolheu-se designar estas principais linhas que afetam os processos de musealização do design como *problemáticas de representação do design*.

Sobre as reflexões realizadas e sistematizadas por meio da identificação das motivações e linhas de ação dos museus de design e da deteção de problemáticas sobre os modos de expor o design nos museus, partiu-se para a análise de casos específicos. Tomou-se por referência estas linhas, entre motivações e problemáticas de representação, para a análise do conjunto de casos selecionados e de propostas teóricas, aliadas, ainda, à base de conhecimento teórico que enquadrava a investigação.

Ainda que por meio de fontes diversificadas e, por vezes, com recurso a conteúdos desiguais, foi possível, através da análise destes casos específicos, identificar diferentes abordagens expositivas ao design e relaciona-las com as linhas de referência estabelecidas – motivações, âmbitos de emergência e tendências discursivas e problemáticas de representação. No primeiro caso, respeitante ao Museu de Design Vitra, uma instituição desde a origem dedicada e orientada para o design, um olhar às predominâncias mais relevantes sobre as temáticas das exposições realizadas, fez sobressair, para além da marcada proximidade à arquitetura, a preferência que é dada ao aspeto autoral. A referida preferência foi compreendida na predominância da realização de exposições designadas “*a solo*” e que partem, geralmente, de autores/designers com uma imagem e obra de qualidade reconhecida. Este facto conduziu ao questionamento sobre o preponderantismo dado a aspetos como o estatuto ou autoria e sobre como estes aspetos poderiam fazer incorrer em discursos mais parciais ou fetichistas. Sob outra perspetiva, a análise da exposição patente no Museu de Design Vitra realizando uma retrospectiva sobre a obra de Konstantin Grcic, apesar de coincidir num mesmo âmbito autoral *a solo*, demonstrou nos seus conteúdos e orgânica, um discurso mais complexo, não se detendo apenas no valor icónico dos objetos nem tampouco na sua formalidade, mas, investindo na exploração de

assuntos mais aprofundadamente, revelando empenho na criação de ambientes e contextos para o envolvimento do público, para a exploração dos processos de criação e trabalho do designer e para o estímulo, questionamento e reflexividade sobre problemáticas sociais nas quais também o design se implica.

O segundo caso específico analisado foi o do Disseny Hub (DHUB), onde se insere o Museu del Disseny em Barcelona. Estes últimos revelaram um direcionamento bastante distinto em relação ao caso precedente. Esta distinção começa logo pela coexistência de uma abordagem expositiva sistemática, seguindo o critério histórico/cronológico entre artes decorativas e design que ocorre nas áreas de exposição permanente, a par com a componente de inovação, interatividade e experimentação na programação dos espaços de exposição temporária. Destaca-se o investimento e inclusão da investigação e do envolvimento das instituições de ensino superior das áreas do design e das tecnologias que participam não só na conceção dos programas expositivos mas também no desenvolvimento dos seus conteúdos (Julià, 2011).

Na escolha e desenvolvimento destes referidos conteúdos, revelaram-se ainda particularidades relevantes além da mencionada componente da inovação e experimentação, nomeadamente, a declarada atenção aos processos mais do que ao produto final de design e a procura de ação

mais interventiva trazendo para o espaço expositivo problemáticas de índole social e cultural. Aliando estas características às intenções institucionais do DHUB e do Museu del Disseny, enquanto centro de ação estratégica de incentivo ao desenvolvimento do design na Catalunha e em Espanha, encontra-se uma considerável proximidade a algumas das detetadas problemáticas subjacentes à exposição do design no ambiente museológico: primeiramente, a questão dos condicionamentos em torno dos interesses económicos e sociais. Neste caso, apesar de declarados e institucionalmente assumidos, estes não parecem sobrepor-se aos princípios orientadores da ação museológica. Soma-se o suplantar do enfoque estético-formal nos discursos expositivos em contexto temporário e, conseqüente aproximação à dimensão social e ação interventiva do museu e do design. Destaca-se ainda o esforço por considerar a diversidade de âmbitos emergentes da disciplina numa evidente postura que reequaciona os múltiplos campos de ação do design e do *design thinking* (Buchanan, 1996) e a forma de os articular e interpretar no contexto museológico.

Finalmente, nas duas propostas teóricas analisadas, será de realçar, no primeiro caso, colocado por Maddalena Dalla Mura (2009) em *Design in Museums: Towards an Integrative Approach: The Potential of Science and Technology Museum*, a estratégia sugerida que se opõe a uma abordagem holística sobre

as dimensões do design, concentrada num espaço único e compreende, na multiplicidade e diversidade de existências do design, uma necessidade de complementaridade que poderá recorrer a pré-existências, i.e., a contextos museológicos já existentes de tipologias diversas. Esta possibilidade, a partir de novos diedros, considerando novos ângulos de visão, possibilitaria, sob este entendimento, a introdução de narrativas diversas, enriquecendo e ampliando os campos de abordagem do design, permitindo, conseqüentemente, trilhar caminhos em direção a um conhecimento mais clarificado sobre os impactes e influências que o design exerce no mundo e nas sociedades. Na segunda proposta teórica, apresentada por (Barbosa et al., 2011) a partir do artigo *An innovative approach for design interpretation*, inserido no âmbito do então projeto CIDP (Interpretation Centre for Portuguese Design) sobressai a consideração dos métodos e processos de trabalho do designer entre constrangimentos e oportunidades, como centro de atenção e enfoque interpretativo. Evidencia-se ainda, nas opções e direcionamento desta proposta, a valorização das narrativas pessoais de uso e a componente didática ao propor a decomposição – inversão do processo de criação recuperando todas as suas etapas – desmistificando e expondo o trabalho e papel do designer e do design. Mostra-se ainda o entendimento deste método como meio que pode permitir – ao contrário da

contemplação limitativa do produto final – identificar particularidades e especificidades distintivas, no fundo, identitárias, afetas aos contextos e condicionantes sociais, económicos, tecnológicos, culturais, etc. De mencionar ainda, a proximidade e investimento na investigação interdisciplinar implicados nesta proposta (na investigação e estudo de coleções e nas soluções tecnológicas para a construção de representações virtuais) que, neste aspeto, se aproximam, embora num contexto interpretativo e não tanto de produção, do caso do DHUB e do Museu del Disseny.

Em retrospectiva...

Os conteúdos que se foram somando, exploraram as políticas e poéticas expositivas que têm enredado a musealização e exposição do design. Desde as abordagens que se realizam no espaço expositivo até aos conteúdos e às intenções, estratégias e objetivos que são desenhados ligam-se contextos sobre o tempo e espaço de ocorrência e sobre o entendimento das próprias disciplinas: museologia e design. Na verdade, crê-se que, não obstante as equacionadas problemáticas políticas e poéticas específicas para que remete a exposição do objeto de design (sobrealimentação do aspeto estético-formal, a influência das motivações comerciais e económicas, desmaterialização do design e as responsabilidades sociais dos museus e do

design), no delicado processo de descontextualização que, particularmente, a vertente funcional do objeto de design compromete, as práticas expositivas e discursos equacionados não resultam propriamente numa especificidade ou unicidade discursiva do design face a outras tipologias museológicas, mas num absorver e reproduzir de tendências discursivas da museologia contemporânea, enquadrando-as e adaptando-as à especificidade do design. Tenha-se, por exemplo, em conta os casos que investem na experiência e no espaço de produção e/ou interação, cuja prática surge, tipicamente, associada aos museus e centros de ciência, como referem Basu and Macdonald (2007).

Uma simples relação sobre estas relações crê-se realizável: as escolhas nos processos de musealização do design, e nas construções expositivas, requerem uma aturada reflexão sobre “os quês”, “comos” e “porquês” destes processos. “O quê musealizar”, “como musealizar” e “porquê musealizar”, equacionando o papel e funções dos museus como instituições de serviço público. O entendimento do design na sua pluralidade e largo campo de ação e interação, dialogando com diferentes disciplinas e, assumindo presença preponderante em diferentes quadrantes sociais, económicos e culturais, constituiu, acredita-se, um desafio às instituições museológicas a ele dedicadas.

As abordagens expositivas sobre o design, tradicionalmente mais afetas a discursos que valorizam principalmente as qualidades estético-formais do design ou o colocam num enredo cronológico histórico, centrando os esforços interpretativos em torno do objeto de design como produto acabado – seja uma peça de mobiliário, de vestuário, um cartaz, ou outro qualquer produto resultante da metodologia projetual do design – têm sido desafiadas a equacionar outras perspetivas sobre o design. Pelas propostas teóricas abordadas, mas também, pelas instituições museológicas que surgem mais recentemente ou que sofrem alterações estruturais nas suas estratégias e políticas, vêm sido adotados ou propostos novos posicionamentos interpretativos e expositivos que sugerem, como se constatou, outras possibilidades, trazendo ao espaço expositivo a consideração de abordagens que extrapolem a dimensão do objeto acabado, ou o seu enredo histórico, para considerar outros momentos e fases do processo projetual, para enquadrar e explorar os impactos do design em diferentes ambientes e contextos de uso/aplicabilidade, para explora-lo enquanto instrumento de mudança e de melhoria da qualidade de vida, ou ainda, para desafiar a experimentação e inovação, entre outros aspetos possíveis que os limites desta investigação eventualmente não tenham alcançado. Nestes múltiplos diedros de leituras, poderá ser reconhecido um ainda vasto campo de possibilidades interpretativas,

crescente, à medida que também os contornos disciplinares do design se expandem e alteram, e, tendo presente todo o ciclo de vida dos produtos de design, na ideia, no projeto, na produção, nos usos, mas também nos contextos e nas influências que sofre e exerce, nas formas como transforma e altera vidas entre errâncias e assertividades.

Esta amplitude promissora de possibilidades de mediação, que tem vindo a ser reconhecida, julga-se, não inviabiliza nem anula as vias de abordagem mais tradicionais, porém, desafia e reitera a necessidade de conhecer e estudar as diversas dimensões dos acervos museológicos de design e dos seus contextos, para poder, em consciência, e mediante próprias políticas e objetivos institucionais, assumir posicionamentos e adotar estratégias de representação que melhor sirvam os propósitos e princípios museológicos, perante os compromissos que assumem. De facto, reconhece-se complexa a articulação e diversificação de abordagens expositivas. Como estratégia, compreende-se que a própria estruturação programática das exposições poderá ser um possível recurso à semelhança do que ocorre noutras tipologias museológicas como denota Huyssen (2009, p.162) e como se observou no caso do Museu Vitra, que opta pela supressão de uma exposição permanente e a aposta em exposições de curta e média duração ou nos casos do DHUB e do MUDE, onde se prevê- também, similarmente, uma articulação entre as componentes temporárias

e permanente, abrindo-se os espaços de exposições temporárias às abordagens mais experimentais e inovadoras, em conjugação com as áreas de exposição permanente que seguem uma narrativa histórica mais convencional.



Figura 4 – Exposição temporária *Iconoclastas'80* - MUDE © Elisa Freitas maio 2014.

De uma ou de outra forma, por vias diversas, no princípio e no fim, o Museu de Design mostra-se profundamente implicado e preponderante na consolidação e

desenvolvimento da própria disciplina, indo o seu papel além da tarefa mediadora. No início, enquanto força catalisadora na afirmação e consolidação disciplinar do design, mesmo antes do reconhecimento da disciplina como afirma Mura (2009, p.259) do modo que se verifica em exemplos de instituições como o V&A ou o MoMA. Mais recentemente, enquanto espaço que, mais do que expor, se abre à própria criação e experimentação inovadora e à discussão e questionamento sobre os percursos, direcionamentos e impactes do design. Da diversidade de discursos entre poéticas e políticas expositivas, as escolhas decorrentes de todos os processos de musealização do design, deverão, acredita-se, garantir e assegurar esta relevância dinâmica e estimulante nas relações que constrói a partir das suas coleções e programações com os públicos e com a própria disciplina.

Referências

- Abrams, H. N. (1984). *The museum of modern art new york*. Nova Iorque: Abradale Press & MoMA.
- Abt, J. (2011). The origins of the public museums In S. Macdonald (Ed.), *A companion to museum studies* (115-134). Oxford: Wiley-Blackwell.
- Adams, R. (2007). Exhibiting design: Art versus industry? *Design Principles and Practices*, 1(2), 17-26.
- Austin, T. (2012). Scales of narrativity. In L. H. Hanks, J. Hale & S. MacLeod (Eds.), *Museum making. Narratives, architectures, exhibitions* (107-118). Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Barbosa, H., Branco, V. A., Dias, N. C., Gomes, G. J., & Providência, F. M. (2011). An innovative approach for design interpretation. In The Endless End: 9th International Conference European Academy, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. maio, 4-7, 2011.
- Bassi, A. (2007). Attorno ai modi del collezionare il design. In *Memoria e racconto. Per una museologia del design*, Convento delle Terese, Veneza, Maio, 7-8, 2007.
- Basu, P., & Macdonald, S. (2007). Introduction: Experiments in exhibition, ethnography, art and science. In P. Basu & S. Macdonald (Eds.), *Exhibition experiments* (1-23). Oxford: Blackwell Publishing.
- Baxandall, M. (1991). Exhibiting intention: Some preconditions of the visual display of cultures. In I. Karp & S. Lavine (Eds.), *Exhibiting cultures. The poetics and politics of museum display* (33-41). Londres e Washington: Smithsonian Institution Press.
- Bennett, T. (1995). *The birth of the museum: History, theory, politics*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Buchanan, R. (1996). Wicked problems in design thinking. In R. Buchanan, V. Margolin (eds.), *The idea of design: A design issues reader* (2ª ed., 3-20). Cambridge: The MIT Press.
- Bürdek, B. (2005). *History, theory and practice of product design*. Basel, Boston e Berlim: Birkhäuser – Publishers for Architecture.
- Coutinho, B. (2009). Um museu sem fronteiras. *Revista MUDE*, 00, 11-14.
- Design Museum. (2012). Our DNA. Acedido março, 29, 2014, em <http://designmuseum.org/media/item/80979/5505/12.01.07-VMV.pdf>.
- Drenttel, W., & Lasky, J. (2010). Reasons not to be pretty: Symposium on design, social change and the "museum": Relatório do Simpósio, Lake Como, 12-14 abr. 2010. Acedido março, 30, 2014, 2014, em <http://changeobserver.designobserver.com/feature/reasons-not-to-be-pretty-symposium-on-design-social-change-and-the-museum/14748/>.
- Foucault, M. (1975). *Surveiller et punir : Naissance de la prison*. Paris: Gallimard.
- Hall, P. (2010). Uses of failure. *Abitare*, 508. *Abitare*. Acedido março, 30, 2014 em <http://www.abitare.it/en/highlights/uses-of-failure/>.
- Hall, S. (1997). Representation, meaning and language. In S. Hall (Ed.), *Representation: Cultural representations and signifying practices* (13-64). Londres: SAGE Publications.
- Hanks, L. H., Hale, J., & MacLeod, S. (2012). Introduction: Museum making. The place of narrative. In L. H. Hanks, J. Hale & S. MacLeod (Eds.), *Museum making. Narratives, architectures, exhibitions* (XIX-XXIII). Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Heller, S. (2002). Paul thompson, director of the cooper hewitt museum. A discussion about the role of design, museums and more in British and American culture [em linha]. *Typotheque Website*. Acedido abril, 7, 2014 em https://www.typotheque.com/articles/paul_thompson_director_of_the_cooper_hewitt_museum.
- Hooper-Greenhill, E. (1991). A new communication model for museums. In G. Kavanagh (Ed.), *Museum languages: Objects and texts* (47-62). Leicester: Leicester University Press.

- Hopper-Greenhill, E. (1996). Languages and texts *Museum and their visitors* (115-139). Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Hopper-Greenhill, E. (2001). Communications and communities in the post-museum - from metanarratives to constructed knowledge. In *Nordic Museums Leadership Programme, Museumshojksolen, The Danish Museum Training Institute*. University of Leicester Online Papers. junho, 11-12, 2001.
- Huysen, A. (2009). Sair da amnésia: O museu como meio de comunicação de massas. In N. Grande (ed.), *Museumania. Museus de hoje, modelos de ontem* (162-174). Porto: Público e Fundação Serralves.
- Julià, À. C. (2012). The challenge of exhibiting contemporary design: Connecting museum with university and research. In *Museum and design disciplines*, Veneza, 2011 (163-173).
- Karp, I., & Lavine, S. E. (1991). *Exhibiting cultures. The poetics and politics of museum display*. Londres e Washington: Smithsonian Institution Press.
- Kavanagh, G. (1996). *Making histories in museums*. Leicester: University Press.
- Lake-Hammond, A. Waite, N. (2010). Exhibition design: Bridging the gap. *The Design Journal*, 13(1), 77-98.
- Lidchi, H. (1997). The poetics and the politics of exhibiting other cultures. In S. Hall (Ed.), *Representation: Cultural representations and signifying practices* (153-208). Londres: SAGE Publications.
- Macdonald, S. (1998). Exhibitions of power and powers of exhibitions: An introduction to the politics of display. In S. Macdonald (Ed.), *The politics of display: Museums, science, culture* (1-24). Londres e Nova Iorque: Routledge.
- MacManus, P. M. (1991). Making sense of exhibits. In G. Kavanagh (Ed.), *Museum languages: Objects and texts* (33-46). Leicester: Leicester University Press.
- Mason, R. (2011). Cultural theory and museum studies. In S. Macdonald (Ed.), *A companion to museum studies* (17-32). Oxford: Wiley.
- Mura, M. D. (2009). Design in museums: Towards an integrative approach: The potential of science and technology museums. *Journal of Design History*, 22(3), 259-270.
- Mura, M. D., & Ballarin, M. (2011). Where museums and design disciplines meet. In *Museum and Design Disciplines*, Veneza, 2011 (13-17).
- Pavoni, R. (2007). Introduction to the panel raccontare. In *Memoria e racconto. Per una museologia del design*, Convento delle Terese, Veneza, Maio, 7-8, 2007.
- Rydell, R. W. (2011). World fairs and museums. In S. Macdonald (Ed.), *A companion to museum studies* (1ª ed., 134-151). Oxford: Wiley-Blackwell.
- Staniszewski, M. A. (1998). *The power of display: A history of exhibition installations at the museum of modern art*. Cambridge: Mit Press.
- Usherwood, B. (1991). The design museum: Form follows funding. *Design Issues*, 7 (2), 76-87.
- Vitra Design Museum (n.d.). About us. Acedido abril 7, 2014, em <http://www.design-museum.de/en/information/about-us.html>.
- Wolfenden, I. (1989). The applied arts in the museum context. In S. M. Pearce (Ed.), *Museum studies in material culture* (27-33). Londres: Leicester University Press